

HIPERTEXTO: o desempenho do leitor

Valéria Cristina BEZERRA
Universidade Federal do Ceará (UFC)
valcrisbr@yahoo.com.br

RESUMO: O leitor do hipertexto participa de maneira ativa de todas as etapas pertinentes à existência do texto eletrônico: elaboração, difusão e leitura, alterando, sem restrições, o conteúdo da rede. Observando o comportamento do leitor ao longo da história da leitura e do livro, percebe-se que a atitude do leitor de hipertexto não revela novidade, pois sempre houve o interesse do leitor de interferir no escrito.

Palavras-chave: leitor; leitura; hipertexto.

ABSTRACT: The reader of the hypertext participates in an active way of all the steps relevant to the existence of the electronic text: development, distribution and reading, altering, without restrictions, the content of the net. Observing the reader's behavior along the history of the reading and the book, we can realize that the attitude of the hypertext reader does not reveal new, because there was always the interest of the reader to interfere in the writing.

Keywords: reader; reading; hypertext.

RESUMÉ: Le lecteur de l'hypertexte participe de manière active de toutes les étapes pertinentes à l'existence du texte électronique: élaboration, diffusion et lecture, en modifiant, sans restrictions, le contenu du réseau. En observant le comportement du lecteur au long de l'histoire de la lecture et du livre, on aperçoit que l'attitude du lecteur de l'hypertexte ne révèle pas de nouveauté, car il y a toujours eu l'intérêt du lecteur de modifier l'écrit.

Most-clé: lecteur; lecture; hypertexte.

1 Considerações iniciais

Já é consenso entre as teorias literárias, lingüísticas e sociológicas a relevância do leitor no processo de elaboração, circulação e recepção de textos. Mas, durante muito tempo, os estudiosos que se propuseram analisar textos escritos – literários – não lhes davam a devida importância. O autor e a sua intenção implícita na obra eram o foco de observação.

O desenvolvimento da potencialidade de um público leitor comum, entre os séculos XVII e XVIII, propiciou o aperfeiçoamento do mercado editorial, que inovou em técnicas e em gêneros para atender à demanda crescente de leitores ávidos por textos leves e de entretenimento. Estes não constituíam o cânone apreciado pela elite ilustrada e foram ignorados por intelectuais que desprezavam os gostos populares.

A contemporaneidade assiste ao aprimoramento de novas tecnologias que permitem a disseminação de textos em um suporte no qual a presença e a interferência do leitor se dão de maneira decisiva.

Desta vez, será impossível ignorá-lo, já que esse leitor não é um simples destinatário, ele é co-autor, na acepção mais literal do termo, pois altera e recria o texto eletrônico.

2 O leitor como co-autor e crítico na história da leitura

O hipertexto revela a potencialidade de interferência do leitor no texto. Porém, essa postura não é recente, remonta ainda ao livro manuscrito, como revela Chartier (1999a):

A forma dominante do livro manuscrito era, efetivamente, aquela do registro (...). Escritos em letras cursivas, de formato pequeno ou médio, esses livros, copiados por seus próprios leitores, associam, sem ordem aparente, textos de natureza muito diversa, em prosa e verso, devocionais ou técnicos, documentais ou poéticos. Produzidos por leigos estranhos às instituições tradicionais de produção manuscrita, e para quem o gesto da cópia é uma prévia obrigatória de leitura, essas compilações são caracterizadas pela ausência de toda e qualquer função-autor. *Apenas a identidade do destinatário, que é ao mesmo tempo o produtor, dá unidade ao livro.* (1999a, p. 55-56, grifo meu).

A aquisição de cópias manuscritas originais e autorizadas era cara e, para que o leitor tivesse o registro em casa de textos de sua preferência, ele próprio produzia compilações, mas acabava interferindo não só na integralidade do texto, já que recortava o que lhe interessava, como também no seu conteúdo, alterando-o.

Com a invenção da prensa mecânica, por volta de 1450, não foi possível ao leitor interferir e alterar o texto já impresso, porém a possibilidade que o formato do códex oferece ao leitor de ler e escrever ao mesmo tempo permite-o fazer anotações às margens do livro:

O objeto impresso lhe impõe a sua forma, sua estrutura e suas disposições, não pressupondo nenhuma participação dele (do leitor). Se o leitor pretende, todavia, inscrever sua presença no objeto, ele só pode fazê-lo ocupando sub-repticiamente, clandestinamente, os espaços do livro deixados de lado pelo escrito: a contracapa do encadernamento, folhas deixadas em branco, margens do texto, etc. (ibidem, p.103).

O leitor não se conforma com essa limitação, deseja participar da produção do próprio texto. Com o desenvolvimento do mercado editorial, o público leitor passa a ter importância decisiva na elaboração da obra literária. Em 1836, Émile de Girardin lança o romance-folhetim, que consistia na publicação de romances em capítulos diários no rodapé do jornal, espaço que já tinha a designação de folhetim. Aprimora-se, então, a questão da profissionalização do escritor, que trabalha sob encomenda e é pago pela quantidade escrita. Para manter-se no mercado, deve conquistar seu público; portanto, é necessário atender seus gostos e suas preferências, desenvolvendo-se assim o diálogo entre o autor e o leitor. Acompanhando diariamente as peripécias das personagens, o público deseja interferir no seu destino e, para isso, envia cartas aos autores fazendo-lhes sugestões ou exigências:

Coloca-se para o autor uma certa necessidade na elaboração do romance que vai tecendo, impelido por várias e imprevistas determinações. Agradar ao público continua, evidentemente, sendo uma delas. Mas agradar aceitando sua colaboração, seguindo suas sugestões, que lhe chegam por via de cartas: “Ah! M. Eugène Sue, por favor não deixe esta infeliz criança pertencer outra vez a esses miseráveis, senão seu romance será imoral” (MEYER, 2005, p. 76).

A publicação de romances em folhetim irmana o público leitor, que ganha força e exprime, muitas vezes sem registro escrito, seu julgamento em relação às obras, que poderiam ser sucesso de vendas ou um fracasso editorial, tendo sua publicação suspensa. Dessa forma, o leitor reivindica também o papel de crítico:

O papel do crítico é ao mesmo tempo reduzido e ampliado. Ampliado na medida em que todo mundo pode tornar-se crítico. Este foi o sonho das Luzes e, talvez, o do fim do século XVII: por que todo leitor não poderia ser considerado capaz de criticar as obras, fora das instituições oficiais, das academias, dos sábios? (CHARTIER, 1999b, p. 17).

Essa tendência da crítica oficial de desprezar o julgamento, a recepção e a interferência do leitor comum persistiu durante muito tempo, o que contribuiu para dificultar a reconstrução da história do leitor, por haver poucos registros de seu comportamento em relação à história da leitura e do livro. A estética da recepção foi elaborada como uma teoria que evidencia a importância do leitor no processo de recepção dos textos, enfatizando sua atuação como co-autor:

O observador pode considerar o objeto estético como incompleto, sair de sua atitude contemplativa e converter-se em co-criador da obra, à medida que conclui a concretização de sua forma e de seu significado. A experiência da *aisthesis* pode, por fim, se incluir no processo de uma formação estética da identidade, quando o leitor faz a sua atividade estética ser acompanhada pela reflexão sobre seu próprio devir: “A importância do texto não advém da autoridade de seu autor, não importa como ela se legitime, mas sim da confrontação com a nossa biografia. O autor somos nós, pois cada um é o autor de sua biografia” (JAUSS in COSTA LIMA, 2002, p. 103).

Contudo, Jauss não vai muito longe quando o assunto é a autonomia desse leitor em relação à interferência direta na elaboração do texto, mas limita-se à questão de sua recepção. A co-autoria aí é restrita à elaboração de sentido da obra. Ainda assim, seus escritos foram fundamentais para consolidar a importância do público nos estudos literários, contribuindo para o desenvolvimento de uma história do leitor.

Vários escritores estimulavam esse diálogo entre leitor e autor ao confessarem o incentivo que o público leitor proporciona para o prosseguimento da atividade literária. Machado de Assis e José de

Alencar, para citar apenas dois representantes da literatura brasileira, tiveram uma relação muito intensa e gratificante com seu público e, sobre este, revelam:

Não sei o que deva pensar deste livro; ignoro sobretudo o que pensará dele o leitor. A benevolência com que foi recebido um volume de contos e novelas, que há dous anos publiquei, me animou a escrevê-lo. É um ensaio. Vai despreziosamente às mãos da crítica e do público, que o tratarão com a justiça que merecer. (MACHADO DE ASSIS, *Ressurreição*, 1997)

Escrevi *Cinco Minutos* em meia dúzia de folhetins que iam saindo na folha dia por dia, e que foram depois tirados em avulso sem nome do autor. A prontidão com que em geral antigos e novos assinantes reclamavam seu exemplar, e a procura de algumas pessoas que insistiam por comprar a brochura, somente destinada à distribuição gratuita entre os subscritores do jornal; foi a única, muda mas real, animação que recebeu essa primeira prova. Bastou para sustentar a minha natural perseverança. Tinha leitores e espontâneos, não iludidos por falsos anúncios. Os mais pomposos elogios não valiam para mim, essa silenciosa manifestação, ainda mais sincera nos países como o nosso de opinião indolente. (ALENCAR, 2005, p. 56).

Todas essas observações demonstram o papel ativo exercido pelo leitor ao longo de toda a história da leitura. Os diferentes suportes ora contribuíram para sua intervenção, ora limitavam-na, ainda assim, o leitor não se intimidou na sua consciência crítica em relação ao texto.

3 O leitor como co-autor, autor e crítico do hipertexto

Há ainda muito que se teorizar a respeito do hipertexto, que até agora tem uma aceção excessivamente ampla. O que interessa ao presente estudo é a relação do leitor, ou hiperleitor, com o texto literário eletrônico da rede. O desempenho histórico do leitor comprova a sua atuação como co-autor do texto literário. Com o desenvolvimento da web, o leitor tem um espaço no qual foram abolidos os cerceamentos e as restrições com relação à sua interferência nos textos difundidos pela rede.

As antigas compilações manuscritas, com textos variados de diferentes autores, são reinventadas pelos internautas, que divulgam textos literários em inúmeros sites sobre literatura. A possibilidade de interferência que a cópia manuscrita oferecia se mantém neste caso, a diferença é que o seu acesso se expande ao mundo todo. Daí surge a preocupação em relação à integridade do texto tal qual foi elaborado pelo seu autor (CHARTIER, 1999a, p. 103-104).

O leitor manipula o novo recurso com entusiasmo, por poder realizar, de maneira plena, o seu potencial de co-autor. Alguns vêem esse aspecto de forma negativa, outros apontam para novas possibilidades literárias a partir desse fenômeno:

Essa modalidade de expressão (hipertexto) desenvolve, de certo modo, uma característica do texto literário, a intertextualidade. Segundo Barthes [...], todo texto corresponde a um "tecido de citações, saídas dos mil focos da cultura" [...]. Disponibilizadas pelas tecnologias eletrônicas, essa singularidade da literatura inaugura hipóteses infindas de exercício de criatividade e invenção, *transformando o fazer literário em jogo e entretenimento, ao alcance da mão de todo e qualquer usuário* (ZILBERMAN, 2001, p. 115, grifo meu).

Encarando com otimismo as possibilidades e as facilidades que a difusão pela rede proporciona, alguns escritores já se aventuraram a publicar textos inéditos na internet, questionando, assim, a hegemonia dos editores. Um exemplo, no Brasil, bastante utilizado para ilustrar diversos estudos é o da publicação, ou melhor, elaboração on-line do romance *Anjos de Badaró*, de Mário Prata, de maio a novembro de 2000. A produção do romance, que era divulgado na rede à medida que era escrito, foi acompanhado por milhares de leitores. O escritor obteve retorno imediato de seu público, que enviava e-mails, fazendo sugestões ou reclamando sobre trechos apagados pelo autor:

Dia 24 de maio, entro no ar, nervoso, de manhã, cara de sono, fiz a barba, passei um pente no cabelo e me regulando para não enfiar o dedo no nariz. Do lado de lá, soube depois, 15.798 loucos, estavam plugados em mim. Internautas de mais de 50 países. Só do Japão, 98. Estados Unidos, mais de quatrocentos. Tudo brasileiro, é claro. Ao final do processo, seis meses depois, mais de 400 mil pessoas passaram pelo sete (sic). Quase 800 mil palpites (PRATA, s.d.).

Esse exemplo é ilustrativo não só pela novidade no processo de elaboração e difusão, mas também por uma incisiva dessacralização da idéia de autor. Dessa forma, os leitores, que já acreditavam no seu potencial co-autor, se vêem na possibilidade de serem autores:

E foi aí que a grande mágica se deu. Se esse cara pode escrever, eu também posso. E começaram a escrever. Mas que ousadia, pensei eu com minhas teclas. Pessoainhas de 16 a senhorinhas de 85. Fizemos um concurso de crônicas. 2.357 chegaram (op.cit.).

Da experiência surgiu um site para a publicação de crônicas de pessoas comuns, leitores ou não de Mário Prata. A seleção das melhores crônicas tornou possível a publicação de seis coletâneas, uma a cada ano. Atualmente, se organiza a sétima publicação. Na página de abertura desse site, lê-se:

Naqueles tempos, Prata estava às voltas com o romance policial "Os Anjos de Badaró", um livro escrito on-line e acompanhado letra por letra na tela do computador por internautas do mundo todo. Não demorou muito para que os leitores mais assíduos do site www.marioprataonline.com.br se proclamassem Anjos. *Mais rápido ainda foi descobrir que quem lê, escreve e que, estando escrito, será lido*. E foi assim, fácil, que surgiu o primeiro volume de "As crônicas dos Anjos de Prata", um presente do escritor para seu séquito angelical. (ANJOS, s.d., grifo meu).

O leitor de hipertexto é, portanto, dinâmico, e tem consciência de seu poder: ele lê, recria, cria e julga, pois evidencia-se também o seu papel de crítico. Os diversos canais existentes de contato com os autores fazem com que o leitor se considere capaz de emitir-lhes análise ou julgamento de seus textos, e essas opiniões, muitas vezes, são difundidas na rede. Conforme Chartier:

As redes eletrônicas ampliam esta possibilidade, tornando mais fáceis as intervenções no espaço de discussão constituído graças à rede. Deste ponto de vista, pode-se dizer que a produção dos juízos pessoais e a atividade crítica se colocam ao alcance de todo mundo. Daí, a crítica, como profissão específica, correr o risco de desaparecer. No fundo, a idéia kantiana segundo a qual cada um deve poder exercer seu juízo livremente, sem restrição, encontra seu suporte material e técnico com o texto eletrônico (1999b, p. 17,18).

O hipertexto confere ao receptor um espaço amplo de atuação, âmbito reivindicado pelo leitor ao longo da história do livro e da leitura e concretizado com a criação, por ele mesmo, de um espaço digital que lhe permita interferir sem restrições. Há uma intensa necessidade de se teorizar a respeito da literatura produzida nesse e para esse sistema de publicação e proliferação do conhecimento. Qualquer que seja a abordagem, o leitor não será mais deixado de fora, como aconteceu no início do desenvolvimento da crítica e da história literária. E mais, se antes esse tipo de história e crítica era plenamente intelectualizada e acadêmica, agora tem a possibilidade de ser construída pelo público comum, que, como foi comprovado, participa ativamente de todas as categorias pertinentes ao texto literário: elaboração, circulação e análise.

4 Considerações finais

A surpresa com que se observa o desempenho do leitor diante do hipertexto não tem razão de existir, já que, como se observa no estudo sobre a história do leitor, essa era uma atitude reivindicada ainda pelo receptor do manuscrito. A principal forma de o leitor interferir em um texto é através da escrita. Provavelmente, antes do códex, ou seja, quando leitura era feita em *volumen*, não havia como o leitor fazer seus registros no objeto lido, que, para ser manuseado, precisava das duas mãos. Qualquer observação era ditada a um escriba, que a registrava em outro espaço (CHARTIER, 1999a, p. 102).

Com a criação do códex, o leitor, com as mãos livres, escrevia nas margens do manuscrito ou do impresso. De lá para cá, várias possibilidades de intervenção no escrito foram elaboradas pelo leitor, culminando no hipertexto. Mesmo havendo divergência a respeito da classificação do hipertexto, em um ponto há consenso: é polifônico e, em meio a essas vozes, destaca-se a do leitor.

Considerar o leitor como um receptor ativo na elaboração de sentido do texto foi, durante muito tempo, revolucionário e provocador. Hoje, o leitor prova, de maneira muito enfática, que esse conceito está defasado, ele é também co-autor, autor e crítico do texto literário. Os conservadores bradam contra esse universo como sendo lixo, sem qualidades literárias, utilizando para isso conceitos de

análise criados para textos em outros suportes. Reclamam também da falta de garantia com relação à autenticidade dos textos de autores renomados divulgados na rede. Não importa o que pensem, o hipertexto continuará existindo da forma que é: passível de alteração e de fácil divulgação, pois o leitor não renunciará ao poder que, enfim, conquistou.

5 Referências

- ALENCAR, José de. *Como e por que sou romancista*. São Paulo: Pontes, 2005.
- ANJOS de quem? Breve história dos anjos de prata [online] Disponível na Internet via WWW.URL:<http://www.anjosdeprata.com.br/comeco.htm>. Arquivo capturado em 20 de outubro de 2007.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999a.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999b.
- JAUSS, Hans Robert. *A História da Literatura como provocação à Teoria Literária*. São Paulo: Ática, 1994.
- COSTA LIMA, Luiz (Org.). *A Literatura e o Leitor: textos de Estética da Recepção*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- MACHADO DE ASSIS. *Ressurreição*. São Paulo: Globo, 1997.
- MEYER, Martyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- PRATA, Mário. Navegando com os anjos. [online] Disponível na Internet via WWW.URL: <http://www.marioprataonline.com.br>. Arquivo capturado em 20 de outubro de 2007.
- ZILBERMAN, Regina. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: SENAC, 2001.